

O EPIGRAMA NA GRÉCIA E EM ROMA: A RELAÇÃO ELEGIA-EPIGRAMA

Ana Lúcia Silveira Cerqueira
UFF

LOUVOR À ESTÁTUA DA RAINHA BERENICE

*As graças são quatro: àquelas três existentes
outrora, logo outra se acresce, ainda úmida,
envolta em balsamos perfumados, Berenice, entre todos
bem-aventurada; sem ela, as Graças não são Graças.*

Calímaco, fr 51

O QUE A MULHER DIZ

*Minha mulher me diz que com ninguém se casa
menos eu, nem se Júpiter pedir.
Diz, mas o que a mulher diz ao amante ardente
convém escrever no vento e na água rápida.*

Catulo, c. 70

A UMA INGRATA

*Oxalá teu sono, Conópion, seja tão bom quanto o meu,
forçado que estou a me deitar neste portal gelado.
Pois que durmas, malvada, como fazes dormir o teu amante,
e que não encontres clemência, nem mesmo em sonhos!
Até teus vizinhos têm dó; mas tu sequer sonhas comigo.
Deixa estar, logo logo os cabelos brancos te lembrarão tudo isso.¹*

Calímaco, fr 63

A incorporação do epigrama grego à elegia como recurso da expressão poética é uma das características originais da poesia latina. Aliás, o princípio da *poikilia* (fusão de vários gêneros literários) está presente nos elegíacos latinos. Tibulo, por exemplo, na elegia 1.2 realiza uma combinação de motivos a partir da poesia simposíaca, do *paraclausithyron*, da poesia erótica, do livro sacro e da poesia bucólica.

BOUCHER, 1980, p.415-416) sublinha:

Enfin le genre epigrammatique est certainement responsable pour une part del' esprit de la création élégiaque.
Aux yeux de Propertius, comme à ceux de ses contemporains,
l'épigramme était le moyen le plus simple d'exprimer l'individuel, les faits de la vie, les sentiments qu'ils provoquent.

Para melhor avaliação entre a relação elegia-epigrama, faz-se necessário acompanhar a evolução do epigrama da Grécia a Roma, bem como sublinhar suas linhas temáticas.

Como lembra CROISSET (1989, p.159), etimologicamente, a palavra epigrama significa inscrições. A palavra grega *epigramma* vem do verbo *epigraphhein*, cujo valor semântico é “escrever sobre”, que corresponde exatamente ao latim *inscriptio*. Veio a designar com o passar do tempo, uma composição poética muito breve, que expressa, com vivacidade e de forma pictural, um pensamento ou um sentimento delicado. Os epigramas tiveram seu uso propagado na Grécia, graças à construção de túmulos, que desde cedo preservaram o nome e a lembrança do morto, e à inscrições feitas ao pé de objetos oferecidos aos deuses para serem depositados nos templos, contendo o nome do seu doador.

Sobre a origem do epigrama, sabemos que coincide praticamente com o uso da escrita alfabética na Grécia. As primeiras inscrições foram compostas em versos e a mais antiga das inscrições em hexâmetro está contida no Vaso de Dipilón, onde se promete esse recipiente como prêmio a um dançarino. Também importante para o estudo desta poesia rudimentar e anônima é a chamada “Copa de Nestor”, descoberta em Pitecusa (Ísquia), que remonta aos últimos decênios do séc. VIII e apresenta uma inscrição formada de um trímetro jâmbico e de dois hexâmetros (LESKY, 1985, p.199). Composições análogas a estas vão-se tornando freqüentes, e estão presentes, em túmulos e em ofertas votivas como lembrança da pessoa recordada ou do doador, a quem se deve a dedicatória, ou das circunstâncias que produziram a obra. Dessa maneira, mesmo que a indumentária métrica traduzisse um projeto artístico, na verdade tais composições revelavam uma função prática.

A partir do séc. VI aC, certas inscrições, dignas de conservação pelo seu valor poético, começaram a ser transcritas. Assim o epigrama ingressou na literatura, guardando sempre a brevidade, mas tendo como metro, o hexâmetro dactílico.

Arquíloco teria sido um dos primeiros, senão o primeiro, segundo CROISET (1898, p.160-161), a empregar o metro elegíaco em inscrições. Três epigramas, formados cada um de um dístico, nos chegaram como sendo de sua autoria: um epigrama em forma de inscrição funerária; outro, em forma de inscrição votiva, e um terceiro que imita uma inscrição, mas que contém um pensamento satírico, talvez o primeiro exemplo de um epigrama no sentido moderno da palavra.

Embora, como já foi visto, tenham sido compostos epigramas em hexâmetros e iâmbos, estes são poucos. O epigrama em verso consagrou o dístico elegíaco como metro preferido.

Safo também teria composto epigramas. Dela, possuímos três. Um deles fala de uma jovem morta (Timas), antes do casamento, e da lamentação de suas amigas.

Anacreonte também compôs epigramas funerários e epigramas votivos. Mas foi Simônides de Céos, o mestre do epigrama, tendo-se celebrizado sobretudo pelas belíssimas composições inspiradas no heroísmo dos guerreiros gregos mortos nas guerras médicas. Transforma Simônides o canto de lamento em canto de louvor, sobretudo quando canta os mortos nos combates das Termópilas: sua sorte é gloriosa, formoso o seu destino, seu sepulcro é um altar.

No séc. V, observa GENTILI (1967, p.39-90), a cultura grega designa pelo termo *epigramma* uma breve composição de um verso ou de mais versos sem nenhuma distinção de metro, destinada a ser escrita em um túmulo ou gravada em um objeto a ser dedicado.

Nos fins do séc. V, *elegeion* podia designar não só o dístico elegíaco, e há textos que o provam² -, mas também uma inscrição concluída em um ou mais dísticos.

A propósito das formas *he elegeia* e *hai elegeiai* e suas significações, Gentili esclarece que o plural *elegeiai* era muito freqüentemente usado para indicar uma série de dísticos (Plat. *Men.* 95 d) e, o singular (*he elegeia*), um poema elegíaco (Arist. *Atb. resp.*5,2). Uma inscrição em dísticos podia assim indiferentemente ser denominada “epigrama” ou *elegeion* .

No séc. IV os epigramas assumem cada vez mais uma marcada conotação literária; sua finalidade prática se enfraquece e sua motivação torna-se fictícia.

Com o helenismo, o epigrama transforma-se em gênero literário de grande relevo, obtendo sua definitiva consagração artística. Suas formas fundamentais permanecem: a inscrição sepulcral e a oferta votiva, a construção e a dedicatória de um edifício, a recordação e a celebração de uma pessoa ou de um fato digno de nota. Porém o que caracteriza sobretudo esta forma de composição neste período helenístico é o uso do tema do amor, que atesta a conquista de uma liberdade individual interior, finalmente subtraída à censura de valores coletivos. O dístico elegíaco é a estrutura métrica mais recorrente e o virtuosismo da forma é o ideal da estética alexandrina: o importante não é dizer algo de novo, mas dizer de forma refinada o que já foi dito.

É importante salientar que também se amplia o objeto do canto dos poetas epigramatistas não só mortos ilustres ou doadores de ricas oferendas, mas toda a gama da população sem distinção de classe social, como crianças, mulheres e escravos.³

O epigrama alexandrino pode aparecer também na forma de um mimo: dramatização com diálogos entrecortados, atestando uma interessante evolução. O epigrama 46 do livro V, de Filodemo⁴ é um excedente exemplo de tal uso:

- Χαῖρε σύ.
– Καὶ σύ γε χαῖρε.
– Τί δεῖ σε καλεῖν;
– Σὲ δέ;
– Μήπω
τοῦτο φιλοσπούδει.
– Μηδε σύ.
– Μή τινᾶ ἔχεις;
– Αἰεὶ τὸν φιλέοντα.
– Θέλεις ἄμα σήμερον ἡμῖν
δειπνεῖν;
– Εἰ σύ θέλεις.
– Εὖγέ πόσον πάρεση;
– Μηδέν μοι προδίδον.
– Τοῦτο ξένον.
– Ἄλλ' ὕσον ἂν σι
κοιμηθέντι δοκῆ, τοῦτο δός.
– Οὐκ ἀδικεῖς.
– Ποῦ γίνῃ; ἤπεμψω
– Καταμάνθανε.
– Πηνίκα δ ἤξεις;
– Εν σὺν θέλεις ὥρην.
– Εὐθύ θέλω.
– Προαγε.

O encontro

- (“–Oi!
–Igualmente. (Oi!)
–Mas como você se chama?
–E você, como?
–Que pressa!
–Não liga
–Você também
–O que há? Você tem um homem?
–Sempre alguém que me ama
–Gostaria de jantar comigo esta noite?
–Se você quer...
–Bem... E para vir... quanto?
–Nada adiantado.
–Estranho!
–Mas você dará o que quiser,
–depois de fazer amor.

–Que honestidade!
–Mas onde você está? Mando alguém até você...
–Se informe
–E a hora?
–Quando quiser
–Quero logo
–Abre caminho!”)

A produção do gênero epigramático foi bastante intensa. Podemos dizer que a história do epigrama literário grego cobre cerca de um milênio – do séc. V a.C. ao V d.C., ao qual se acrescentam os cinco séculos de epigramas bizantinos.

As coleções das composições epigramáticas encontram-se nas chamadas antologias gregas. Meleagro de Gádara (séc. I a.C.) organiza uma dessas antologias, que contém escritos seus e de quarenta e seis poetas⁵ e que, embora perdida, foi base para a elaboração da coleção feita por Constantino Cefalas, denominada *Antologia Palatina* porque foi descoberta, nos inícios do ano 600, na Biblioteca Palatina de Heilderberg. Esta coleção contém 3.700 epígrafes e se compõe de quinze livros. Há ainda a *Antologia Planudea*, organizada pelo monge Máximos Planudes no séc. XIV, que resume a coleção de Cefalas, com algumas adições. A atual *Antologia Grega* resume em parte, as duas antologias citadas e acrescenta novos epigramas, perfazendo um total de mais de seis mil epigramas sobre vários assuntos, cobrindo um período de mais de dezessete séculos (do séc. VII a.C. ao séc. X d. C.).

Os epigramatistas do primeiro período alexandrino, jônicos, apresentam composições que se caracterizam pela temática erótica e simpósica, ambientada aos costumes da vida citadina. Os dóricos preferem o ambiente da natureza. Os epigramatistas do helenismo maduro não apresentam quantitativamente grandes composições, mas dois nomes se destacam pela qualidade de seus escritos: Meleagro e Filodemo, ambos ligados à temática amorosa.

Durante os primeiros anos do período imperial romano ainda são compostos epigramas em língua grega, mas sem um nome digno de nota.

A última florescência do epigrama grego se dá sobretudo com o advento do Cristianismo. O epigrama com seu caráter de manifestação ocasional e cotidiana constitui uma forma neutra para a expressão ideológica do momento⁶.

COHEN (1948, p.108), ao classificar os epigramas como inscrições funerárias ou votivas, ou notações sentimentais, discute a questão da veracidade ou da literariedade dessas composições: estas peças funerárias ou votivas se reportavam a mortos ou a oferendas reais, ou seriam apenas jogos de espírito? Segundo o autor, se o epigrama se refere a um morto ou a uma oferenda real, é o bastante para que se possa falar da “realidade” do epigrama.

LABARBE (1967, p.352-385), ao tratar dos aspectos gnômicos dos epigramas gregos, classifica-os em três categorias: funerários, dedicatórios e puramente literários. Mas a grande contribuição que seu estudo nos traz diz respeito à visualização da temática dos epigramas. Segundo este autor, os temas dos epigramas funerários variam em torno de um tema básico: somos mortais, a morte é lei comum, dela não se pode escapar. Assim, são freqüentes epigramas funerários que tratam da limitação humana, da brevidade da vida, da morte triste que ocorre prematuramente, dos violadores de sepulturas, mas também os que exprimem a idéia formulada no estoicismo de que a única pátria dos homens é o mundo onde habitam (*Anth. Palat.* VII, 417, 5-6), ou traçam considerações a partir da qualidade e característica do defunto, ou falam dos perigos da desmedida (*Anth. Palat.* VII, 684, 1-2), ou da onisciência da *dike* (*Anth. Palat.* VII, 357,2).

Os epigramas dedicatórios dizem respeito tanto aos deuses quanto aos homens, mas por ser a dedicatória um ato particular, estes epigramas não expressam generalizações.

Os epigramas puramente literários versam sobre a existência humana, a brevidade da vida, a velhice, e a falta de esperança.

Os epigramas dedicados ao amor estão contidos nos livros V, IX e XI da Antologia Grega. Canta-se aí, que o amor é dado para o prazer supremo (*Anth. Palat.* V, 196, 3-4; 170, 1), que ele é estritamente reservado aos vivos (*Anth. Palat.* V, 3), que é mais vivo quando é clandestino (*Anth. Palat.* V, 79, 4; XI, 51-53), que o tempo do prazer é muito limitado (*Anth. Palat.* V, 12, 31); que Eros tem um poder incomparável (*Anth. Palat.* V, 168, 3-4; 293, 1-2), que o tempo e a fome podem afugentar uma paixão amorosa (*Anth. Palat.* XI, 497), que uma jovem deve tirar proveito de sua natureza (*Anth. Palat.* V, 45), que a castidade feminina deve ser louvada (*Anth. Palat.* IX, 444, 1-2), que as palavras de amor só entram nos ouvidos dos Imortais (*Anth. Palat.* V, 6, 3-4), que há um tipo masculino que caracteriza o amante ideal (*Anth. Palat.* V, 216, 5-8), que a mulher é um jogo destruidor (*Anth. Palat.* X, 167, 3-4), que o casamento é visto como *loucura* (*Anth. Palat.* XI, 10, 2), que o ouro é salutar ao amor (*Anth. Palat.* IX, 420, 3), que o amor é escravidão (*Anth. Palat.* V, 96, 2; XII, 160, 1-2; 132; 3-4).

Esta reflexão de Labarbe sobre a temática dos epigramas arcaicos gregos nos possibilita um confronto com a temática elegíaca dos poetas latinos. A propósito de que “amar é viver”, Catulo afirmará (c.5): “*Viuiamus, mea Lesbia, atque amemus*” (Vivamos, minha Lésbia, e amemos). A temática do “*seruitium amoris*” é uma das preferidas dos elegíacos latinos: Tibulo dirá na elegia I, 1, v.55: “*...me retinent uinctum formosae uincla puellae*” (...me retêm, cativo, as correntes de uma formosa jovem).

Outro tema elegíaco tomado dos poemas epigramáticos é o louvor à beleza natural, que aparece tão bem expresso em Propércio, como na elegia I, 2, v. 8: “*(...) nudus Amor formae non amat artificem*” (o Amor é nu e não ama os artificios da beleza).

A eroticidade da Antologia Palatina não deixou de ser lida por Ovídio, que na elegia 7, v. 9-10, do livro III dos Amores, assim se expressa: “*Osculaque inseruit cupide luctantia linguis/Lascium femori suppositque femur*” (Colocou (ela), por entre beijos de línguas cobiçosas,/ sua coxa lasciva debaixo da minha.)

Na poesia latina, o epigrama do tipo alexandrino é introduzido com os poetas do círculo de Lutácio Cátulo⁷. Os quatro poetas desse círculo – Lutácio Cátulo, Valério Edíto, Pórcio Licino e Lévio Melisso – foram autores de epigramas.

Como haviam feito os Cipiões na geração precedente, (reunidos por amizade e idéias comuns, inspirados em historiadores e pensadores gregos como Políbio e Panécio, e defensores de teorias do direito de Roma à supremacia mundial e do direito da classe aristocrática ao governo de Roma), os integrantes do Círculo de Cátulo defendem uma ideologia anticonformista. Embora os poetas do Círculo de Cátulo fossem amantes da cultura grega, os gregos que protegiam e lhes serviam de modelo eram conhecidos como poetas frívolos, como Antípatro de Sidão, e nada tinham a ver com os modelos que inspiravam os poetas do Círculo dos Cipiões. Dos dois epigramas de Lutácio Cátulo que chegaram até nós, um, adaptado de Calímaco, derruba a moralidade severa da tradição, dando ênfase à individualidade contra todos os ensinamentos dos *mos maiorum*. É também a primeira expressão poética de amor homossexual. Por ser Cátulo um homem conhecido na vida política romana, torna-se mais significativo o caráter transgressor de seus versos:

*Aufugit mi animus; credo, ut solet, ad Teotimum
deuenit. Sic est, perfugium illud habet...
Ibimus quaesitum. Verum me ipsi teneamur,
formido, quid ego? Da, Venus, consilium.*⁸

(“Meu coração fugiu, creio que se refugiou, como de costume,/
junto a Teotimo⁹. E assim, aquele é o seu refúgio.../
Irei procurá-lo. Mas temo ficar eu também prisioneiro./
Que fazer portanto? Vênus, daí-me um conselho.”)

O outro epigrama de Cátulo canta a beleza do autor Róscio.

Particularmente notável é um dos dois epigramas de Valerio Edituo, onde há uma clara retomada de uma célebre ode de Safo, que também teria inspirado o c. 51 de Catulo:

*Dicere cum conor curam tibi Pamphila, cordis,
quid mi abs te quaeram, uerba labris abeunt,
per pectus manat, subito mihi sudor:
sic tacitus, subidus, dum pudeo pereo.*

(“Quando procuro dizer-te, ó Pânfila, a angústia do meu coração, /
e o que desejo de ti, as palavras me fogem dos lábios, /
para mim, não mais dono de mim, escorre pelo peito um súbito suor,
/e assim, prisioneiro do amor, enquanto me envergonho, me sinto morrer.”)

Embora a língua latina, como lembra PASOLI (1976, p.310-311), não estivesse ainda ajustada à expressão individual, era a primeira vez que, na literatura latina, se afirmava o direito de cantar a própria individualidade, colocando-se contra os cânones da moral tradicional e refutando a idéia de que a literatura deve ter uma função ligada à vida da comunidade estatal e do império.

As imperfeições desse caráter técnico na língua e de outros aspectos formais irão diminuindo com os *neoterói* e desaparecerão com os poetas da fase augustana. Não se pode, porém, negar que os epigramas mencionados são importantes já que eles prenunciam a mudança de formas e de conteúdos da poesia romana.

Domício Marso, contemporâneo de Ovídio, escreveu uma coletânea de epigramas conhecidos pelo nome de *Cicutas*. Como o nome deixa entrever, eram epigramas de tom agressivo. Destes epigramas, dois foram conservados: um recorda a mãe de Otaviano, o outro é um ataque contra um poeta.

Marcial escreveu mil e quinhentos epigramas repartidos em quinze livros, dirigidos em sua maioria, às pessoas reais ou imaginárias. Os assuntos são variados: cumprimentos, gentilezas, meros gracejos espirituosos sobre cabeleiras ou dentes postiços, pó dentifício, instrumentos de limpar orelhas, ataques, modazes e variados. Passando da leveza e finura à grosseiras obscenidades, é um dos poucos poetas latinos, que revela naturalidade e originalidade. Quando ataca, emprega pseudônimos, para que ninguém possa se queixar.

É interessante observar que o epigrama, sendo em sua origem uma verdadeira inscrição sepulcral, foi adquirindo um caráter cada vez mais variável, e com Marcial ele não apresentará nem o tom lamentoso, nem erótico, mas o mordaz. Com sua mordacidade Marcial percebeu e comentou o mundo romano. Ele parece rir de tudo, mas seu riso não é alegre, é sinistro. Usando, na maioria das vezes, o dístico elegíaco, o epigramatista mostra não desconhecer a arte da bajulação servil (I.4). Mas há epigramas que até traduzem uma certa serenidade (IV.64), como há também epitáfios e lamentos tocantes.

Sua sátira I, 19:

*Si memini, fuerant tibi quattuor, Aelia, dentes.
expuít una duos tussis, et una diros.
Iam secura potes totis tussire diebus:*

nihil instinc, quod agat, tertia/ tussis babat.

(“Se bem me lembro, Élia, tinha quatro dentes; a dois atirou fora num acesso de tosse, aos outros dois, segundo acesso. Já podes agora com sossego levar o dia todo a tossir, que de agora em diante, nada mais têm que fazer a terceira tosse.”)

foi retomada por Bocage (1867: 155-156):

Se bem me lembro, Élia, tiveste
de belos dentes a posse.
Numa tosse, dois se foram,
Foram-se dois, noutra tosse.

Segura, noites e dias,
podes tossir a fartar;
podes, que tosse primeira
já não têm que te levar.

Tal fato atesta a influência considerável que Marcial exerceu sobre atores posteriores.

Indiscutível nos parece a influência dos epigramas gregos, sobretudo os da Antologia Palatina, na poesia elegíaca latina; quer nas reconhecidas como de tema amoroso, como também nas elegias de tema funerário. Mas o que se deve sublinhar, como conclusão, é que a influência dos epigramas amorosos e/ou eróticos foram retomados pelos elegíacos latinos, sem muitas modificações, a não ser por um marcado subjetivismo. O mesmo não aconteceu com as elegias latinas de tema funerário, já que se pode perceber, claramente, a ruptura, como é o caso de Catulo e Propércio, com a retórica sepulcral dos epigramas gregos, quanto ao tom e à forma.

Catulo, por exemplo, ao falar da perda do seu irmão, menciona no c. 65, 7-12, no c. 68, 19-26 e no c. 101, o tema funerário encadeado a outros temas. O c. 101, quase uma pequena elegia, embora reunindo elementos da retórica sepulcral, como a fala do familiar ao morto (“mutam cinerem”, v. 4), a entrega de oferendas por parte da família e a saudação final, traz indícios de uma romanização; ao apresentar traços pessoais do poeta; um ritual funerário, segundo o “*prisco more parentum*” (v. 5 e 6), o sentimento pessoal, marcado pelo dativo *mibi* (v. 5 e 6) e a saudação final, sublinhada por *in perpetuum*, que traduz, através de uma homenagem fraterna, a crença de que o irmão jamais voltará.

*Multas per gentes et multa per aequora uectus
Aduenio has miseras, frater, ad inferias,
Ut te postremo donarem munere mortis
Et mutam nequiquam alloquerer cinerem,
Quandoquidem fortuna mihi tete abstulit ipsum,
Heu miser indigne frater adempte mihi.
Nunc tamen interea haec prisco quae more parentum
Tradita sunt tristi munere ad inferias,
Accipe fraterno multum manantia fletu,
Atque in perpetuum, frater, que atque uale.*

(“Por muitos povos e por muitos mares vindo,
chego, irmão, a teu túmulo infeliz
para última dar-te dádiva de morte
e só falar à muda cinza em vão

pois Fortuna tolheu-me de tudo que foste,
ah! Triste irmão tão cedo a mim roubado!
Agora o que por longa tradição dos pais
Ao túmulo se traz – dádiva ingrata –
Aceita em muito choro fraterno banhada.
E para sempre, irmão olá e adeus.”)

Tal subjetividade não será encontrada num epigrama funerário grego.

O c. 96, apresenta uma forma epigramática funerária, utilizada por Catulo em que não há um epitáfio, nem a convencional relação com o morto. Há, também, uma certa tragicidade: o poeta consola o amigo Calvo, mas a situação de Calvo é menos dolorosa que de Catulo, já que a morte de Quintília não quebra o mútuo amor dos amantes. Ao contrário, a relação amorosa Catulo-Lésbia fora quebrada, mesmo com os amantes vivos. Catulo inaugura uma novo tópos na retórica sepulcral: “o amor é mais poderoso que a morte”.

*Si quicumque mutis gratum acceptumue sepulcris
Accidere a nostro, Calve, dolore potest,
Quo desiderio veteres renouamus amores
Atque olim missas flemus amicitias,
Certe non tanto mors immatura dolorist
Quintiliae quantum gaudet amore tuo.*

(“Se à muda cinza algum carinho e agrado, ó Calvo,
pode dar nossa dor – esta saudade
com que nós renovamos antigos amores
e choramos perdidas amizades,
certo Quintília já não sofre pela morte
tão precoce, mas goza teu amor.”)

Também Propércio na elegia I, 21 retomara um tópos do epigrama helenístico: o diálogo de um morto com um passante. Mas a originalidade do desenvolvimento deste tema em Propércio consiste em que, ao se definir quem é o passante: um soldado como ele, o poeta, através desta fusão de identidades, atinge um efeito muito mais dramático:

A sombra de Galo fala a um soldado

*Tu, qui consortem properas euadere casum,
miles ab Etruxis saucius aggeribus,
quid nostro gemitu turgentia lumina torques?
Pars ego sum mestrae proxima militial.
Sio ti seruato ut possint gaudere parentes,
Ne soror acta tuis sentiat e lacrimis:
Gallum per medios ereptum Caesaris ensis
Effugere ignotas non potuisse manus;
Et quaecumque super dispersa inuenerit ossa
montibus Etruscis, haec sciat esse mea.*

(“Tu, que te apressas a escapar de um perigo semelhante,
soldado, ferido, retirando-te das fortificações etruscas,
por que voltas teus olhos enrijecidos ao meu gemido?”)

Faz pouco eu era parte de seu exército
 E assim, salva-te, para que teus pais possam gozar de ti,
 e tua irmã não sinta o ocorrido pelas tuas lágrimas:
 que Galo, tendo escapado das espadas de César,
 não pôde se esquivar dos soldados de mãos desconhecidas,
 e se alguém encontrar uns ossos dispersos nos montes da Etrúria
 que ele saiba que são os meus restos.”)

A crítica atual, a respeito da composição elegíaca latina, chama-nos constantemente, a atenção para a importância do uso do epigrama amoroso e/ou do funerário alexandrino com ingredientes tipicamente latinos. Foi a partir desta questão que fizemos nossa reflexão.

BIBLIOGRAFIA

- BOCAGE, Rio, Livraria Clássica, IV, 1967.
 BOUCHER, J.P. *Études sur Properce*. Paris, E. de Boccard, 1980.
 CANALI, Luca. *Storia della poesia latina*. Milão, Bompiani, 1990.
 COHEN, E. *Callimaque*. Paris, Belles-Lettres, 1948.
 CORNO, D. *Letteratura Greca*. Principato, 1988.
 CROISSET, A. e CROISSET, M. *Histoire de la Littérature Grecque*. Paris, 2^a ed., Boccard, 1989.
 FEDELI, P. *Interpretazione e proposte sull'origine dell'elegie latina*. Museum Helvetium, Basel/Stuttgart, 31(1), 1974.
 ————. *Properzio e l'amore elegiaco*. In: Atti del convegno internazionale di studi properziani. Roma, Assisi, 1958/86:177-301.
 GENTILI, B. Epigrama ed elegia., In: *Entretiens sur L'antiquité Classique*, XIV, Vandoeuvres-Genève, Fondation Hardt. 1967.
 GENTILI, B.; PASOLI, E.; SIMONNETI, M. *Storia della letteratura latina*. Roma, Editori Laterza, 1976.
 LABARBE, J. Les aspects gnomiques del'epigramme grecque. In: *Entretiens sur les Antiquités Classiques*, XVI, Vandoeuvres, Genève, Fondation Hardt, 1967.
 LAFAYE, Georges. *Catulle*, Paris, Belles Lettres, 1984.
 LEGRAND, Ph. E. *La poésie alexandrine*. Paris, Payot, 1924.
 LESKY, A. *Historia de la Literatura Griega*. Trad. de José Maria Díaz Regañón y Beatriz Romero. Madrid, Gredos, 1985.
 LUISELLI, B. *Sul significato socio-culturale dell'epigrama latino*. *Studi Romani*, 4: 440-450, 1973.
 OVIDE. *Les amours*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris. Belles Lettres. 1929.
 PONTANI, F.M. *Antologia Palatina*. Torino, Giulio Einaudi Editores s.p.a., 1978.
 PROPERZIO. *Elegie*. Introduzione di Paulo Fedeli e traduzione de Luca Canali. Milão. Rizzoli. 1987.
 SEQUEIROS, María Delia Buisel. Catulo 96: el amor más poderoso que la muerte. *Clássica*. 7/8: 127 e 140, São Paulo, 1994/1995.
 TIBULLE. *Élégies*. Texte établi et traduit par. Max Ponchont. Paris. Belles Lettres. 1989.

NOTAS

1 Os dois fragmentos de Calimaco foram traduzidos por Guida N. B. Horta (*Calíope*, 1986, 4:116-116)

2 Segundo Bruno Gentili (1967:39) *elegíon* podia designar o dístico elegíaco, como prova o seu uso em alguns poemas.

3 Cf. Muniz, Hime (1980)

4 *Antologia Palatina* (1978:144)

5 À “Coroa”, Meleagro tinha anteposto um próêmio conservado na *Anth. Palat.* IV, em que cada poeta aparece ligado a uma flor ou planta. Calimaco corresponde ao mirto, Simônides, à videira; Leônida, à hera; Nosside, à Íris, Anite, ao lírio roxo, Meleagro, à “violacciola” (uma planta de várias cores).

6 Para uma visão geral do epigrama grego ver Corno, Dario del. Letteratura Greca, Principato, 1988.

7 O epigrama, em dísticos, que reproduz uma inscrição, já aparecera em Ênio.

8 Canali, Luca (1990:26)

9 Nome grego, provavelmente de um escravo ou liberto.